

APRESENTAÇÃO

É possível encontrarmos ainda a persistência de um lugar comum, aquele que considera o legado da cultura greco-romana da Antiguidade algo que nos é distante e com o qual não é possível um diálogo mais próximo. Afinal de contas, o que teriam a nos dizer homens e mulheres que nasceram e morreram há milênios, que viveram em culturas cujos ritos, práticas sociais e culturais, bem como valores que, em muitos casos, soam estranhos à contemporaneidade? De certa forma, tal indagação foi um dos principais motivadores para a propositura do dossiê “Estudos clássicos: entre a tradição e a contemporaneidade”. Guiamo-nos pela seguinte pergunta: o que o campo dos estudos clássicos tem a nos dizer hoje?

Caso façamos uma rápida pesquisa em bibliotecas, livrarias, portais da *internet*, revistas, programas de televisão ou títulos de filmes de cinema, logo vamos descobrir o quanto a cultura contemporânea estabelece um intenso diálogo com as obras de Homero, Safo, Heródoto, Cícero, Horácio, Ovídio, Virgílio, apenas para citar alguns autores. De filmes de ação hollywoodianos, passando por investigações policiais que referenciam fatos relevantes da história política de Roma, a poemas neoépicos ou complexos romances fundamentados em reescrituras de *Ilíada* ou *Odisseia*, não é impreciso dizer o quanto a cultura clássica parece estar em todo lugar.

Em que medida se dá o diálogo dos clássicos com o nosso tempo? Os campos de investigação, como os artigos selecionados para o presente dossiê podem demonstrar, são compostos de muitas veredas. É possível pesquisar as fontes clássicas das obras dos

grandes autores modernos dos mais diversos sistemas literários. Como pensar, por exemplo, as obras de Guimarães Rosa ou de Machado de Assis sem levar em consideração essas fontes? Ou as obras de Jorge Luis Borges, James Joyce, Virginia Woolf, Marguerite Duras, Natalia Ginsburg ou Margaret Atwood? Outra relevante possibilidade de pesquisa consiste em entender de que modo mitos, obras literárias e artísticas e demais produtos culturais da Antiguidade são traduzidos e adaptados para outras linguagens. De que maneira o cinema, o discurso publicitário, os jogos eletrônicos, as histórias em quadrinhos, a televisão, entre outras mídias, reatualizam as fontes clássicas a partir das quais constroem suas narrativas ficcionais e não ficcionais? Semelhante indagação pode ser aplicada para áreas das humanidades que não apenas o específico campo de estudo da literatura e da linguística, pois a história, a filosofia, a sociologia, a antropologia e a geografia continuam a tomar como ponto de partida debates iniciados e/ou consolidados na Antiguidade clássica. Por fim, não só de relações intertextuais e intermediáticas se compõe esse campo de estudos, pois um clássico sempre terá algo a dizer a cada geração que sobre ele se debruça. Também é fundamental que, a partir de novas perspectivas teóricas, pesquisadores possam reler e reposicionar a cultura clássica a partir das indagações teóricas das últimas décadas.

Portanto, para o presente Dossiê, acolhemos tanto os artigos que se debruçaram sobre as fontes textuais e iconográficas originais do mundo clássico quanto os que se propuseram a estabelecer conexões dialógicas entre tradição, modernidade e pós-modernidade.

Das conexões, entre a tradição e a contemporaneidade, materializam-se diversos textos. Entre eles, apresenta-se o primeiro artigo que compõe o dossiê – “Mito e (pré)conscientização em ‘Uma xícara e um destino’”, de Elisa Lispector. Tendo por referência o conceito de mito de Mircea Eliade e a questão dialógica da eventicidade de Mikhail Bakhtin, Thiago Jeronimo procurou analisar a presença de elementos pertencentes à mitologia grega em “Uma xícara e um destino”, de Elisa Lispector. Esse artigo procurou verificar de que forma Elisa Lispector reatualiza o mito de Antígona.

O segundo artigo – “Tudo anda em círculos: elementos míticos em *Com armas sonolentas*, de Carola Saavedra – teve por meta demonstrar como os mitos são capazes de construir relações com obras contemporâneas. A partir dos estudos de Mircea Eliade, Luana Jéssika Della-Flora analisou a obra *Com armas sonolentas*, de Carola Saavedra (2018), buscando pelas questões míticas a compreensão da origem.

Pela leitura do terceiro artigo – Da Guerra de Troia à Guerra do Paraguai: reminiscências clássicas em *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis – é possível perceber que Edson Martins buscou demonstrar de que forma os temas clássicos foram citados e reconfigurados por Machado de Assis em *Iaiá Garcia*, com o fito de perceber a construção da obra dentro de um projeto literário de modernização do romance, idealizado pelo ilustre autor.

No quarto artigo – “‘Cavalo pálido, cavaleiro pálido’, de Katherine Anne Porter: a jornada de Miranda para o autoconhecimento” –, Célia Guimarães Helene procurou estabelecer uma discussão do conto “Cavalo pálido, cavaleiro pálido”, de Katherine Anne Porter, com a finalidade de verificar a jornada simbólica da descida ao inferno da protagonista Miranda, provocada por um delírio febril quando foi acometida pela gripe espanhola. Miranda pode ser considerada uma heroína a empreender uma jornada iniciática, como personagem perspicaz e inteligente, capaz de ver através das aparências, já sugerido pelo próprio nome.

O quinto artigo deste dossiê – “*Alice no país das maravilhas* e *A viagem de Chihiro*: a jornada das heroínas em busca do amadurecimento” – apresentou e procurou comparar a jornada heroica de duas personagens: Alice (da animação norte-americana *Alice no País das Maravilhas*) e Chihiro (da animação japonesa *A viagem de Chihiro*). A análise de Jussane Pavan foi alicerçada pelos conceitos de Joseph Campbell ao descrever a jornada do herói e a busca por sua transformação.

Quanto ao sexto artigo – “Mitos em ‘A Bela e a Fera’ e *Once upon a time*” –, Daniela Sacuchi Amereno buscou analisar a relação dos mitos e a jornada do herói com o conto de fadas “A Bela e a Fera” na série *Once upon a time*, com a finalidade de identificar as características do texto e de suas personagens. O texto foi estruturado a partir da trajetória do conto, desde suas possíveis inspirações, dos contos originais, de suas versões até a aplicação do enredo na série *Once upon a time*, ou seja, trouxe uma proposta de releitura contemporânea ao conto de fadas.

O sétimo artigo deste dossiê – “*O nascimento de Vênus* na publicidade: um diálogo entre o passado e o presente” – buscou analisar a criação de sentido produzido na campanha publicitária da marca Adidas Original, com o *slogan* *Original is never finished* [O original nunca termina], a partir dos conceitos bakhtinianos sobre dialogismo, intertextualidade e paródia. A publicidade, ao utilizar-se dos recursos de linguagem, pode ser considerada um instrumento

que busca a reflexão de acontecimentos antigos e atuais. Rosana Maria de Carvalho Pinto evidenciou, no artigo, a importância de as marcas conhecerem seus consumidores para além da tríade gênero, idade e classe social.

Quanto ao oitavo artigo – “O mito de origem do guaraná e dos mawés: a metamorfose como modelo de constituição da humanidade pelo sincretismo com a natureza e o divino” –, André Filipe Noronha procurou mostrar que os mitos de origem apontam para as reflexões que o homem faz sobre a própria condição. O autor analisou um mito de origem de metamorfose dos indígenas brasileiros: sateré-mawé. Apontou que esse mito expressa uma visão de mundo em que tudo é composto de tudo, cuja fronteira fluida entre animal, vegetal e sobrenatural permite que eles se combinem e se sincretizem gerando novas criações.

O nono artigo – “Violência sexual em narrativas míticas: Inana e Palas Atena” – apresentou como tema a violência sexual contra as mulheres na Antiguidade, privilegiando os mitos de Inana e Šukaletuda e do nascimento de Erictônio, admitidos como paradigmas capazes de expressar o posicionamento das sociedades mesopotâmica e grega a respeito da condição feminina. Para isso, Mariana Outeiro utilizou-se do referencial teórico do gênero e o instrumental metodológico da História Comparada.

Quanto ao décimo artigo – “Latinidade: tradição em contemporaneidade” –, Clemilton Pereira dos Santos procurou destacar alguns aspectos da cultura latina (formação familiar, religião) a partir das reflexões do estudioso Pierre Grimal e levantar alguns aspectos culturais do povo brasileiro, com a finalidade de perceber que a tradição greco-latina ainda se faz atuante em nosso cotidiano. Por meio dos apontamentos no decorrer do texto, concernentes a aspectos místico-religiosos, sociais, familiares, é possível perceber que, embora haja diversas tentativas de submissão do imaginário cultural coletivo dos brasileiros materializadas em discursos capitalistas tão eminentes na contemporaneidade, podem ser verificados costumes adotados pelos brasileiros, que se encontram em processo de reatualização das tradições greco-latinas que chegaram para que fossem entendidas, conhecidas e reconhecidas para a construção da identidade latino-americana.

O clássico, como um mito, torna-se um privilégio de representar a atemporalidade em um espaço qualquer, como uma narrativa de criação. No entanto, segundo Barthes (1957, p. 194), pode-se conceber que haja mitos antiquíssimos, mas não eternos, pois é a História que transforma o real em discurso; é

ela e só ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica, longínqua ou não. A mitologia só pode ter fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela História: não poderia, de modo algum, surgir da “natureza das coisas”. Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas entender melhor a categoria de nossos contemporâneos. Este dossiê “Estudos Clássicos: entre a tradição e a contemporaneidade” apresenta uma temática discursiva de reatualização e presentificação da tradição para a contemporaneidade em uma trajetória que se projetou no seguinte percurso: de Antígona para as páginas de “Uma xícara e um destino”; dos mitos para reconstruções *Com armas sonolentas*; de Homero para Machado de Assis; de um delírio febril para uma jornada heroica em “Cavalo pálido, cavaleiro pálido”; de *Alice no País das Maravilhas* para a jornada heroica de Chihiro; de “A Bela e a Fera” para *Once upon a time*; do mito de origem do guaraná e dos mawés para o sincretismo; do sagrado de Inana e Palas Atena para a violência sexual contra as mulheres; da latinidade para a contemporaneidade.

REFERÊNCIA

BARTHES, R. *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

ELAINE C. PRADO DOS SANTOS
CRISTHIANO AGUIAR
Organizadores